

# Artigo

DOI: <https://doi.org/10.23925/1982-4807.2024i35e66493>

## Gritos de ódio nas redes sociais: a extrema-direita no futebol

Gianluca Florenzano<sup>1</sup>

### RESUMO

Em 25 de maio de 2020, a morte de George Floyd nos Estados Unidos provocou um levante antirracista global, influenciando até mesmo o mundo do esporte. Atletas de diversas nacionalidades se manifestaram em prol da causa negra. Entretanto, uma reação da extrema-direita também se tornou evidente, com ataques racistas disseminados pela internet, sobretudo contra jogadores negros do Reino Unido e do Brasil. Assim, a pesquisa analisa, desde a morte de Floyd até o julgamento do policial Derek Chauvin (responsável pela sua morte) em abril de 2021, os casos de racismo contra jogadores negros do Reino Unido e do Brasil, destacando a necessidade de uma articulação maior da luta antirracista, especialmente no esporte.

**Palavras-chave:** Racismo; Esporte; Redes Sociais; Extrema-Direita.

*Shouts of hate on social media: the far-right in soccer*

### ABSTRACT

*On May 25, 2020, the death of George Floyd in the United States sparked a global anti-racist uprising, impacting even the world of sports. Athletes from various nationalities spoke out in support of the Black cause. However, a reaction from the far-right also became apparent, with racist attacks spread over the internet, particularly against Black players in the UK and Brazil. Thus, the research analyzes, from Floyd's death to the trial of police officer Derek Chauvin (responsible for his death) in April 2021, the cases of racism against Black players in the UK and Brazil, highlighting the need for progress in the anti-racist struggle, especially in sports.*

**Keywords:** Racism; Sport; Social Medias; Far Right.

*Gritos de odio en las redes sociales: la extrema derecha en el fútbol*

---

<sup>1</sup> Mestre em ciências sociais pela PUC-SP, jornalista e pesquisador. ORCID: 0000-0002-8420-3969. Lattes: [https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG\\_MENU.menu?f\\_cod=7953209325057FC4A6708EED5F17D45D#](https://www.cnpq.br/cvlattesweb/PKG_MENU.menu?f_cod=7953209325057FC4A6708EED5F17D45D#). E-mail: [gianlucaflorenzano96@gmail.com](mailto:gianlucaflorenzano96@gmail.com)

# ..... Artigo .....

## *Resumen*

*El 25 de mayo de 2020, la muerte de George Floyd en los Estados Unidos desencadenó un levantamiento antirracista global, afectando incluso al mundo del deporte. Atletas de diversas nacionalidades se manifestaron a favor de la causa negra. Sin embargo, también se hizo evidente una reacción de la extrema derecha, con ataques racistas difundidos por internet, especialmente contra jugadores negros del Reino Unido y Brasil. Por lo tanto, la investigación analiza, desde la muerte de Floyd hasta el juicio del policía Derek Chauvin (responsable de su muerte) en abril de 2021, los casos de racismo contra jugadores negros en el Reino Unido y Brasil, destacando la necesidad de avances en la lucha antirracista, especialmente en el deporte.*

**Palabras clave:** Racismo; Deporte; Redes Sociales; Extrema Derecha.

## **1.Caso George Floyd: o símbolo de um levante antirracista**

No dia 25 de maio de 2020, o mundo presenciou uma onda de protestos que abalou por completo as suas estruturas sociais. Tudo se iniciou na cidade de Minneapolis, no estado de Minnesota, Estados Unidos, quando o então policial, Derek Chauvin, interpelou o afro-estadunidense, George Floyd. O que, a princípio, deveria ser uma simples interpelação, acabou resultando em tragédia. Por mais que o detido não demonstrasse qualquer tipo de resistência durante a abordagem, Chauvin o imobilizou no chão e com o seu joelho esquerdo passou a sufocá-lo. Rapidamente, Floyd começou a suplicar pela sua vida, acompanhado dos gritos desesperados das testemunhas que assistiam (algumas até filmavam) o desenrolar dramático da cena. Porém, ignorando por completo o clamor a sua volta, e em um ato frio, sem compaixão e misericórdia, Chauvin sufocou o referido afro-estadunidense até que o último sopro de sua vida fosse levado (FLORENZANO, 2024, p. 24).

Ao contrário do que as autoridades pretendiam fazer crer, o caso narrado acima não era apenas uma mera fatalidade. Longe disso, George Floyd entrava na estatística macabra do aparato repressivo do Estado, isto é, da polícia, como mais uma vítima negra das forças de segurança pública. Em palavras mais eloquentes, de acordo com a ativista estadunidense, Keeanga-Yamahtta Taylor, os negros poderiam ser compreendidos como "o símbolo de cidadania inferior no país", uma vez que histórica e diariamente são submetidos a todos os tipos de represálias por parte da polícia (2020, p. 215). Desse modo, para Taylor,

[...] se a tarefa da polícia é a manutenção da ordem, esse papel assume um significado bem específico quando a sociedade é fundamentalmente racista. O policiamento tem mudado com o tempo, acompanhando as transformações

# Artigo

nas condições e nas necessidades do governo estadunidense, mas permaneceu incrivelmente atrelado às suas raízes: uma instituição racista treinada nas comunidades negras [...] (2020, p. 216).

O racismo, contudo, não se encontra apenas dentro da corporação policial nos Estados Unidos, ao contrário, ele está enraizado em praticamente todas as esferas da vida coletiva, sendo responsável, inclusive, pelo abismo socioeconômico entre brancos e negros no país. Segundo o filósofo francês, Michel Foucault, o racismo estabelece uma verdadeira

[...] linha divisória entre superiores e inferiores, entre bons e maus, entre os grupos que merecem viver e os que merecem morrer, deixados para a morte, entre os que devem permanecer vivos e os que serão mortos. E que se entenda que a morte aqui não é apenas a retirada da vida, mas também é entendida como a exposição ao risco da morte, a morte pública, a expulsão e a rejeição (in ALMEIDA, 2019, p. 115).

Pois bem, podemos transpor o argumento de Foucault para o contexto da pandemia da COVID-19. Em 2020, no auge da crise sanitária, os afro-estadunidenses eram os mais desempregados e, para piorar a situação, dos que trabalhavam, a grande maioria estava em postos mal remunerados, expondo-se aos riscos de contágio do vírus, tais como, supermercados, fábricas e outros tipos de funções que não podiam ser realizadas remotamente (Florenzano, 2024, p. 44).

Foi nesse quadro que ocorreu o assassinato de George Floyd. Sua morte, porém, despertaria as massas e se tornaria o símbolo de uma revolução para mudar esse cenário. Uma manifestação contra a discriminação racial e a violência policial tomou corpo de Minneapolis. Entretanto, indo na contramão das expectativas de muitos, sobretudo das autoridades, o protesto não durou somente um dia, ao contrário, na medida que os dias iam passando, as passeatas iam aumentando também. Mais do que isso, porém, os atos se espalharam para outras regiões dos Estados Unidos. Sendo assim, como há muito tempo não se via, desde a década de 1960 com o Movimento Pelos Direitos Civis liderado por Martin Luther King, as ruas estadunidenses voltavam a reunir militantes negros e brancos comprometidos com a luta antirracista.

# ..... Artigo .....

Diante desse arco de aliança em torno da causa negra, a internet, especialmente as redes sociais, desempenharam um papel crucial nas manifestações. De acordo com a cientista política da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Rosemary Segurado,

[...] as redes sociais potencializam determinadas questões do campo social e podem catalisar sentimento de protesto ou de indignação em algumas convocatórias, demonstrando uma capacidade que há muito tempo os partidos políticos e movimentos sociais tradicionais vêm perdendo (in CHAIA; COELHO; CARVALHO, 2015, p. 214).

E, de fato, nos protestos nos Estados Unidos, não havia nenhum partido ou político por trás. Eram anunciados os locais em que aconteceriam os atos nas mídias digitais e, cerca de uma hora depois, já aparecia um número considerável de pessoas. Na verdade, todas as passeatas antirracistas aconteciam sob o slogan Black Lives Matter, uma organização criada, segundo a ativista e fundadora, Alicia Garza, como

[...] uma intervenção ideológica e política em um mundo onde as vidas negras são sistemática e intencionalmente levadas à morte. É uma afirmação das contribuições dos negros para essa sociedade: temos humanidade e resiliência diante da opressão mortal (in TAYLOR, 2020, p. 294-295).

Os protestos, todavia, ganharam proporções cada vez maiores e, conseqüentemente, ultrapassaram as fronteiras dos Estados Unidos, sendo repercutidos na Europa, Ásia, Oriente Médio, África, Oceania e América do Sul. Em outros termos, um levante antirracista global havia começado e a bandeira da causa negra voltava a tremular com força nos mastros espalhados pelo planeta.

Um dos epicentros desse levante antirracista que emergia pelo globo foi o Reino Unido. Impulsionados pelos protestos que aconteciam em outras regiões, especialmente nos Estados Unidos, muitos mais do que erguer as suas vozes, os movimentos de luta contra a discriminação racial britânicos colocaram abaixo também os símbolos da opressão. Em Bristol, na Inglaterra, erguida em 1895, a estátua de bronze de Edward Colston, um senhor de escravos do século XVII que fez fortuna transportando cerca de 80 mil homens, mulheres e crianças da África para o Caribe e as Américas, foi derrubada por manifestantes que, posteriormente, rolaram-na rua abaixo em direção a um rio no qual, afinal, a jogaram para ser esquecida para sempre.

A vitória dos movimentos antirracistas britânicos, no entanto, não parou por aí. Conforme uma declaração das autoridades locais, o monumento de Edward Colston não seria

# Artigo

reposto, longe disso, em seu lugar seria erguido um outro em homenagem a Paul Stephenson, um trabalhador negro que, em 1963, liderou boicotes contra a Companhia de Ônibus de Bristol para exigir que a empresa parasse de impor barreiras raciais em suas contratações (FLORENZANO, 2024, p. 70).

A hegemonia político-ideológica no mundo, contudo, sempre foi travada por duas visões antagônicas que se digladiam entre si em diversos campos de batalha. Mais ainda, para o filósofo alemão, Peter Sloterdijk, hoje em dia, há uma luta vigente entre aqueles que, movidos pelo processo de globalização, estão dispostos a abrir cada vez mais as fronteiras nacionais para promover os intercâmbios culturais e, em contrapartida, os que desejam fechá-las para preservar a identidade nacional e cultural supostamente ameaçada pelo Outro (2012, p. 67).

O combate entre essas duas visões de mundo resultou em plataformas políticas como “Bill That Wall” (“Construa o Muro”) de Donald Trump e o Brexit (o plebiscito que decretou a saída do Reino Unido da União Europeia), que nada mais eram do que movimentos de fechamento das fronteiras e isolamento global para impedir a entrada de imigrantes, na tentativa de manter a identidade nacional e cultural - como se estas pudessem ser preservadas de forma fixa e imutável.

Dessa maneira, se, por um lado, os militantes antirracistas caminhavam pelas ruas britânicas para reivindicar justiça racial e pôr abaixo os símbolos da opressão; por outro lado, simpatizantes da extrema-direita, movidos pela conquista do Brexit, também iam às ruas para defender as estátuas daqueles que consideravam seus heróis e as suas bandeiras supremacistas e reacionárias. Assim, nacionalistas brancos, vestidos com a camisa da seleção inglesa e cantando “Inglaterra, Inglaterra”, se reuniram na Praça do Parlamento para proteger o Memorial de Guerra de Cenotaph (monumento dedicado para homenagear os mortos em combate na Primeira e Segunda Guerra mundiais).

# ..... Artigo .....

Não demorou muito para que manifestantes antirracistas e simpatizantes da extrema-direita se encontrassem nas ruas. Na praça Trafalgar Square, na capital londrina, aconteceu uma briga violenta entre esses dois grupos antagônicos que atiravam garrafas e latas de lixo uns nos outros até a chegada em massa da tropa de choque britânica (FLORENZANO, 2024, p. 71).

As ruas, no entanto, não seriam o único campo de batalha dessa luta. Com o mundo despertando novamente para o combate à discriminação racial, o esporte, uma das mais poderosas ferramentas de mobilização social, não poderia ficar de fora. Atletas, das mais diversas nacionalidades e modalidades, passaram a se manifestar de forma contundente em prol da causa negra. O esporte, como há muito tempo também não se via, voltava a ser palco de debate de questões sociais.

À medida que o levante antirracista global ganhava força após a morte de George Floyd, atletas de diversas modalidades começaram a elevar suas vozes contra o preconceito racial. No entanto, essa postura combativa encontrou forte resistência em certos segmentos dos torcedores, particularmente no futebol.

Muitos desses torcedores, frequentemente alinhados com ideologias de extrema-direita, passaram a usar as redes sociais como plataformas para destilar seu ódio. Segundo o sociólogo e cientista político, Sérgio Henrique Hudson Abranches, protegidos pelo anonimato da internet, "indivíduos raivosos ou milícias digitais" unem-se para atacar ferozmente aqueles que consideram como seus adversários (in MELO *et al*, 2019, p. 19). No contexto do Reino Unido, esses ataques foram concentrados especialmente em jogadores negros que, ao cometerem erros em momentos cruciais das partidas, tornavam-se alvos preferenciais dessa virulência racista.

## **1.2 Barreiras do ódio: ataques racistas contra jogadores negros na Premier League**

Afrontados, como visto supra, pelos protestos antirracistas que dominavam as ruas britânicas, supremacistas brancos e nacionalistas ensaiaram uma contrarreação nas ruas. Mais do que isso, porém, impulsionados, sem dúvidas, pela ascensão da extrema-direita, personificada no movimento do Brexit (que retirou o Reino Unido da União Europeia justamente para impedir a entrada em massa de imigrantes), ataques discriminatórios contra

# Artigo

jogadores negros na Premier League (a principal liga de futebol britânica) aumentaram consideravelmente.

Segundo o professor britânico de mídia e estudos culturais, Martin Baker, o racismo pode ser entendido como uma defesa da suposta ameaça que estrangeiros representam sobre a identidade do grupo nacional dominante (in WIEVIORKA, 2007, p. 35). Essa defesa da identidade nacional travestida de preconceito racial, de acordo com Michel Wieviorka, ganha forças nos períodos de grandes crises econômicas, nas quais o racismo se manifesta naquele indivíduo "que perdeu seu status ou sua posição social ou teme perdê-los, ou quer se proteger dos riscos da queda". Desse modo, a narrativa construída pela extrema-direita é a de que “o Outro [minorias sociais] está em vias de ganhar pontos enquanto ele se vê em plena queda, ou se sente singularmente ameaçado”. Somado a isso, junta-se às “categorias sociais abonadas, camadas médias ou superiores que tentam sobretudo manter a alteridade à distância”.

Para isso, constroem barreiras simbólicas e concretas de segregação, como, por exemplo, escolas privadas para que seus filhos evitem contato com alunos provenientes da imigração, ou então votando a favor de reformas políticas que visem regras mais rígidas à entrada de imigrantes (2017, p. 44-45; 100).

Assim, a medida que as barreiras simbólicas se erguiam em defesa de uma identidade exclusiva, cada vez mais jogadores negros se viam ameaçados pela fúria racista e ataques de ódio haviam se tornado algo corriqueiro. A título de ilustração, o então atacante do Crystal Palace, Dazert Wilfried Armel Zaha, conhecido apenas como Wilfried Zaha, durante uma manhã acordou com ataques racistas em seu Instagram. O responsável pelo ataque, um garoto de apenas 12 anos, enviou de forma particular para o jogador, fotos de membros da Ku Klux Klan, de uma antiga embalagem de cereal com teor racista e a seguinte mensagem: “É melhor você não marcar amanhã, seu \*\*\* preto. Ou irei à sua casa vestido de fantasma”. Este, infelizmente, não era um caso isolado. O então meio-campista do Swansea City, Yan Dhandá, e mais dois atletas que, na época, atuavam pelo Manchester United, Axel Tuanzebe e

**Revista Ponto-e-Virgula, São Paulo, V.1 n35e66493**

**e-ISSN:1982-4807**

**Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PUC-SP**

**<https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula>**

# ..... Artigo .....

Anthony Joran Martial, entraram para a lista de jogadores vítimas de insultos discriminatórios após falharem em lances cruciais nas partidas (FLORENZANO, 2024, p. 135-136).

Os ataques mais ferozes, no entanto, foram direcionados ao atacante brasileiro, William Borges da Silva, conhecido apenas como William, que atuava então pelo Arsenal. William trilhou um caminho difícil dentro do futebol, ao se transferir de um time para o seu grande rival, no caso, do Chelsea para o Arsenal. Nesses casos, normalmente, a torcida do time que o jogador deixa fica ressentida com ele e, em contrapartida, a torcida do time que o contratara o recebe com desconfiança. Não demorou muito para que essa desconfiança se convertesse em vaias quando William passou a performar, na visão da torcida, de maneira ruim dentro de campo. Até aí, algo dentro das regras do esporte, uma vez, que as vaias são uma maneira legítima dos torcedores demonstrarem a sua insatisfação. O problema, contudo, é quando essas vaias se tornam atos criminosos. Depois de um tempo, o jogador recebeu mensagens em seu Instagram chamando-o de “macaco” e pedindo para ele voltar “para a selva” (FLORENZANO, 2024, p. 136).

Segundo o filósofo francês Michel Wieviorka,

[...] todos os países democráticos dispõem de um arsenal que permite um tratamento legislativo, regulamentar e judiciário do racismo, todos dispõem de recursos repressivos que permitem combater o fenômeno, ao menos em suas expressões mais flagrantes (2007, p. 145).

Além do mais, ainda conforme Wieviorka, os Estados também possuem a capacidade para implementar políticas que não visem apenas a proibir e punir ações discriminatórias, mas sim "tomar problema a peito e reduzir o impacto e a progressão" do racismo (2007, p. 145). O argumento não se aplica apenas aos órgãos públicos estatais que regem a sociedade como um todo, mas envolve também a esfera esportiva.

Enquanto os ataques racistas aumentavam, as autoridades, por sua vez, ao menos no primeiro momento, se mantinham inertes. De acordo com o professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP), José Moura Gonçalves Filho, muitas vezes, "o racismo se faz de racistas sonolentos", ou seja, de pessoas, especialmente aquelas inseridas nas camadas mais elevadas e que ocupam postos de poder, que podem até apresentar convicções antirracistas, no entanto, não possuem consciência dos mecanismos de dominação que regem a sociedade (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p. 144).



# Artigo

No caso em questão, as entidades esportivas britânicas, parafraseando o argumento de José Moura, estavam "dormindo", pois as agressões discriminatórias cresciam e, em compensação, não se via uma postura mais combativa por parte desses órgãos esportivos.

Muito mais do que notas, mensagens protocolares e hashtags de repúdio, era necessário agir. E, dessa maneira, se as autoridades do esporte não se mexiam, ao menos em um primeiro momento, coube aos atletas, técnicos, árbitros e demais representantes da Premier League, da Federação Inglesa e da organização que combate à discriminação racial dentro do futebol inglês agirem. Em uma carta conjunta endereçada aos então chefes-executivos do Facebook e Twitter (atualmente X), Mark Elliot Zuckerberg e Jack Patrick Dorsey, eles cobraram que os então executivos assumissem a responsabilidade e inibissem de forma mais precisa as mensagens preconceituosas que estavam sendo difundidas em suas plataformas. Em resposta à carta, os executivos contra-argumentaram que as suas redes sociais eram apenas o canal e não a fonte das mensagens e que, portanto, não poderiam fazer muita coisa para impedir os ataques discriminatórios (FLORENZANO, 2024, p. 138).

Revoltado, como não poderia ser diferente, com os ataques e com a impunidade, um dos melhores atacantes franceses de todos os tempos, o ex-jogador Thierry Daniel Henry - este sim - tomou uma atitude drástica: excluiu suas contas de todas as mídias digitais. Antes de excluí-las, ele deixou a seguinte mensagem:

Olá, pessoal. A partir de amanhã de manhã me retirarei das mídias sociais até que as pessoas que estão no poder sejam capazes de regular suas plataformas com o mesmo vigor e ferocidade que elas fazem atualmente quando são infringidos os direitos. O imenso número de racismo, intimidação e tortura mental para os usuários é muito tóxico para ser ignorado. É preciso haver responsabilidade. É fácil demais criar uma conta, usá-la para intimidar e assediar sem consequências e ainda permanecer anônimo. Até que isto mude, eu desativarei minhas contas em todas as plataformas sociais. Espero que isto aconteça em breve (in FLORENZANO, 2024, p. 138-139).

# ..... Artigo .....

Os jogadores da Premier League, contudo, não estavam sozinhos em sua luta contra o preconceito. No Brasil, embora o levante antirracista tenha tido uma magnitude diferente, as reverberações foram significativas, e os atletas brasileiros igualmente começaram a expor e condenar o racismo e as manifestações discriminatórias nas redes sociais. Assim como seus colegas no Reino Unido, eles enfrentavam um desafio constante, combatendo o ódio que transcendia fronteiras e se manifestava com intensidade no espaço digital

## **1.2 Brasil: o falso mito da democracia racial**

O levante antirracista mundial que emergiu em 2020 e teve como um de seus epicentros o Reino Unido, também alçou voo para a América do Sul e alcançou o Brasil. Na época, contudo, importante esclarecer, a referida nação tropical passava por um cenário político-social turbulento, com o aumento acelerado e descontrolado de casos de COVID-19 e hospitais sobrecarregados. Mais ainda, o líder da extrema-direita e então presidente do país, Jair Messias Bolsonaro, e seus discípulos flertavam com a real possibilidade de um golpe militar para se manterem no poder e continuar perpetuando a sua agenda política ultraconservadora e reacionária. Desse modo, as ruas das capitais brasileiras se dividiam entre dois grupos rivais. De um lado, apoiadores fervorosos de Bolsonaro que pediam a volta da ditadura militar com o seu líder no poder; e, do outro lado, militantes do campo progressista que procuravam resistir às investidas golpistas.

Assim, em um primeiro momento, os atos progressistas se concentraram na manutenção da democracia, mas, posteriormente, com a onda antirracista que dominava o mundo, a pauta da causa negra foi incorporada. Ao contrário do que acontecia nos Estados Unidos e Reino Unido, no entanto, os protestos contra a discriminação racial no Brasil não duraram dias consecutivos, longe disso, aconteceram apenas em alguns finais de semana e, de certa forma, apresentaram pouca mobilização (FLORENZANO, 2024, p. 156-157).

Há alguns fatores que juntos explicam o porquê da baixa adesão dos brasileiros às marchas. O primeiro deles corresponde ao potencial conflito físico que poderia acontecer entre grupos pró e contra Bolsonaro, mais ou menos, nos mesmos moldes do que ocorreu no Reino Unido entre militantes antirracistas e supremacistas brancos e nacionalistas. O segundo deles está relacionado ao fato de que para evitar o contágio do vírus, muitas pessoas, sobretudo do campo progressista, resolveram não se arriscar em sair de suas casas e optaram

# Artigo

por realizar manifestações virtuais em prol da democracia e da luta antirracista. Sim, claro, hoje em dia, o mundo encontra-se cada vez mais conectado, no entanto, convém ressaltar que um protesto on-line ainda não tem o mesmo impacto do que um protesto presencial, uma vez que ocupar as ruas, principalmente os pontos simbólicos de uma cidade constitui uma demonstração de poder político cujos efeitos têm sido observados desde a Primavera Árabe (CASTELLS, 2013).

A principal explicação, contudo, para que as passeatas não tenham alcançado tanta mobilização reside no mito da democracia racial brasileira. Originado na década de 1930, a narrativa foi e vem sendo atualizada ao longo dos anos pelos grupos dominantes brancos, em especial, durante a ditadura militar (1964-1985), como uma contraofensiva aos movimentos negros que se reorganizavam naquela época. No contexto presente, ela foi retomada pelos integrantes da extrema-direita brasileira para reafirmar o mito do Brasil como um paraíso racial, onde brancos, negros, indígenas e as “demais raças” vivem em harmonia entre si, sem qualquer tipo de discriminação. Ora, como sublinha em termos críticos o antropólogo Kabengele Munanga, a narrativa da democracia racial afirma

[...] que somos um povo mestiço - ou seja, nem branco, nem negro e nem índio [indígena] -, uma nova “raça” brasileira, uma raça mestiça. Quem vai discriminar quem, se somos todos mestiços?” (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p. 38).

Por mais que pareça simplório à primeira vista, essa narrativa, na verdade, possui um efeito perverso que recai sobre os ombros da comunidade afro-brasileira, a saber, manter a sociedade, de um modo geral, inerte em relação à luta contra o preconceito racial, pois, afinal de contas, se o racismo, conforme pretende fazer crer o mito, já foi superado no Brasil, não há mais a necessidade de combatê-lo. Para conquistar o imaginário social de uma parcela significativa da população brasileira, a referida lenda se reforça em símbolos de identidade nacional, como por exemplo, a música, a religião e o esporte. Se os brasileiros escutam música negra como o samba; se aceitam religiões africanas como o candomblé; e se tem

# ..... Artigo .....

negros bem-sucedidos no esporte, em especial no futebol como o Pelé, não pode ser considerado um país preconceituoso: “não somos racistas, os racistas são os outros!” (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p. 37-38-39).

O sucesso de jogadores dentro do esporte bretão, isto é, o futebol, em especial na seleção brasileira, surge, assim, como um dos principais símbolos que “comprovariam” a suposta veracidade do mito da democracia racial brasileira. Nesse sentido, como observa o sociólogo e professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e criador e coordenador do Laboratório de Pesquisa em Desigualdade e Diversidade de Corpo, Raça e Gênero, (Ladecorgen), José Jairo Vieira,

[...] se perguntarmos aos participantes de um bate-papo imaginário numa mesa de bar sobre a existência do racismo no futebol, a resposta mais esperada é que o racismo não existe, e darão vários exemplos de excelentes jogadores negros que atuam em vários times, em vários países e sobretudo em várias posições (2017, p. 12).

E, de fato, o mito da democracia racial brasileira perdurou - e por quê não dizer perdura até os dias de hoje - não somente no imaginário social, mas também, de uma maneira geral, dentro das instituições públicas do país que pouco se mobilizam para lutar pela causa negra. Entretanto, bem longe do que a referida lenda afirma, o racismo no país não foi superado, ele, na realidade, se mantém vivo e materializado em todas as esferas da vida social, provocando, assim como nos Estados Unidos, profundas desigualdades entre brancos e negros. Em termos mais claros, segundo a psicóloga e ativista brasileira, Cida Bento

[...] não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos. É a supremacia branca incrustada na branquitude, uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro (2022, p. 14-15).

Além do mais, para se ter uma ideia, somente em 20 de novembro de 1995, sob a presidência de Fernando Henrique Cardoso, conhecido pela sigla FHC, que o Estado brasileiro reconheceu pela primeira vez os negros são vítimas de discriminação racial (Vieira, 2017, p. 55). Em seu pronunciamento, o então presidente FHC deu a seguinte declaração:

Sou comprometido pessoalmente com os estudos da questão negra no Brasil. Escrevi dois livros sobre a matéria, na época em que se mantinha a ideia de que, no Brasil, não havia problema negro e que não havia discriminação

# Artigo

racial. Com o professor Florestan Fernandes e com o Otávio Ianni, sob a inspiração de Roger Bastide, fizemos pesquisas que mostraram o oposto: havia preconceito, havia discriminação. E para que pudesse se concretizar o ideal de democratização do Brasil implicaria que os que lutam pela democracia e pela liberdade assumissem também a luta em favor da igualdade racial (in VIEIRA, 2017, p. 55).

Reconhecer, mesmo que tardiamente, o preconceito racial no Brasil era um passo importante dado pelo governo brasileiro. Entretanto, muito mais do que reconhecer, era preciso também combater. De acordo com o cientista político e ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Silvio Almeida,

em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratam de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade (2019, p. 48-49).

Segundo o professor e especialista em direito antidiscriminatório Adilson José Moreira, o racismo possui uma dimensão simbólica. Nesse sentido, ele “designa construções culturais que estruturam a forma como minorias raciais são representadas”. Dessa maneira, se, por um lado, a branquitude encontrava-se ligadas às construções que representavam a superioridade moral do grupo dominante; por outro lado, a negritude estava associada a aspectos negativos, tais como a escuridão, a falta de caráter e a degradação moral (2019, p. 47-48-49). Para efeito ilustrativo, os jogadores do sub-23 do Paysandu, George do Nascimento, conhecido pelo apelido de George Pitbull, e Valdemir da Silva, mais conhecido como Debu, sentiam na pele a simbologia do racismo presente em solo brasileiro. Durante o trajeto de volta de um treino de ônibus, uma viatura da polícia interpelou o veículo público e obrigou os dois jovens a descerem para serem revistados. Conforme George, em entrevista ao Globo Esporte do Pará, um dos policiais lhe revelou que a abordagem foi realizada por conta de uma denúncia anônima de uma mulher que estaria no transporte coletivo com eles. Entretanto, essa não era a primeira vez que isso teria acontecido com o jogador. Longe disso, era algo já habitual:

# ..... Artigo .....

Não foi a primeira vez que isso me aconteceu, mas graças a Deus, eu sempre me mantive bem calmo durante essas situações. Também não devo nada, então não tenho por que ficar nervoso ou algo desse tipo, mas é uma sensação de humilhação, que te faz ficar com muita vergonha. As pessoas te olharem diferente, te julgarem pela aparência, pela cor que você é. (in FLORENZANO, 2024, p. 208).

Por mais que fosse algo recorrente na vida de George, o atleta sabia que esse tipo de episódio deveria cessar. Não à toa, ainda em entrevista ao referido programa esportivo, ele não deixou de externar a sua indignação:

Atualmente, a gente vem mostrando muito sobre o racismo na televisão, nas redes sociais. Mesmo assim, as coisas não mudam, mesmo assim, aumentam os casos de racismo no futebol, no trânsito, em qualquer lugar que seja. A minha visão é que as autoridades, as forças maiores, tinham que se pronunciar sobre isso, ter uma pena que seja cumprida, porque já existe [pena], mas a gente vê muita coisa para acontecer e ninguém é penalizado, não acontece nada. A gente discute, comenta, mas passam um ou dois dias e tudo “volta ao normal” de novo e ninguém é penalizado (in FLORENZANO, 2024, p. 208).

Não eram apenas os jogadores desconhecidos da grande mídia que sofriam contra o racismo, jogadores de renome também eram alvo do ódio racista. Mais do que isso, agora, com o advento da tecnologia, os racistas utilizavam-se das redes sociais para fazer seus ataques. Em 2020, por exemplo, depois de marcar o segundo gol na vitória de 2x1 na partida do primeiro jogo da final do campeonato estadual do Paraná, sobre o maior rival, o Coritiba, o então atacante do Athletico-PR, Maycon Vinicius Ferreira da Cruz, conhecido popularmente pelo apelido de Nikão, foi alvo de agressões verbais discriminatórias em suas mídias digitais. Chamado de “macaco” por dois torcedores do Coritiba revoltados com a derrota, o atacante rebateu os insultos que sofreu da seguinte maneira:

É inacreditável e de uma mediocridade sem tamanho o tipo de coisa que leio a cada instante nas redes sociais. Nós, pretos, não somos julgados pelo nosso desempenho, mas pela cor da nossa pele [...]. Se você não enxerga um problema aí, alguma coisa [sic] tá errada. Chega de ser julgado pela minha cor, pelo povo que eu represento. E é aquilo que o Mano Brown falou, depois que inventaram a desculpa, nunca mais morreu ninguém (in FLORENZANO, 2024, p. 201-202).

O ataque que Nikão sofreu não representava apenas uma fúria emocional de torcedores. Conforme salienta Adilson José Moreira,

[...] chamar uma pessoa negra de macaco significa emitir a mais perniciosa forma de ódio: é dizer que ela não pode ser vista como um ser humano. Uma sociedade que permite a circulação de discursos que negam a humanidade de

# Artigo

um grupo de pessoas permite que eles possam ser discriminados, segregados e exterminados porque propaga a ideia de que eles não são merecedores de empatia (2019, p. 171).

O ex-árbitro e então comentarista da Rede Globo, Paulo César de Oliveira, também esteve na mira dos preconceituosos. No jogo do campeonato brasileiro, em 2020, entre Fluminense e Corinthians, que terminou em vitória de 2x1 para a equipe carioca, após opinar a favor da marcação de um pênalti para o Tricolor das Laranjeiras (como o Fluminense também é conhecido), Paulo César foi chamado de “macaco sem vergonha” nas redes sociais por um telespectador. Sem perder tempo, o ex-árbitro prestou queixa à polícia (FLORENZANO, 2024, p. 202).

Ao mesmo tempo, no entanto, que jogadores e outras personalidades do mundo do futebol brasileiro eram atingidos por ataques racistas nas mídias digitais, essas mesmas plataformas, por sua vez, também desempenhavam um outro tipo de papel, sendo transformadas pelo lado progressista mais combativo em ferramentas de resistência contra o ódio.

## 1.2.1 Vozes da resistência: atletas brasileiros se posicionam contra o racismo

Assim como nas ruas, no esporte brasileiro houve uma baixa adesão por parte dos atletas em relação às manifestações antirracistas que aconteciam pelo mundo. Na verdade, foram poucos, homens e mulheres, que, de fato, se posicionaram de forma contundente, indo além de publicações meramente protocolares nas mídias digitais. Entretanto, dentre essas poucas vozes que se fizeram ouvir no esporte brasileiro, duas, em especial, se destacam: Daiane dos Santos e Etiene Medeiros.

A ex-ginasta e multicampeã, Daiane dos Santos, transformou as suas redes sociais em um palco de debate sobre os problemas raciais enfrentados pelo Brasil. Demonstrando profundo conhecimento da causa, ela não apenas buscava dialogar com a comunidade afro-brasileira, mas também passou a conscientizar e a cobrar uma participação mais enfática dos

# ..... Artigo .....

brancos na luta antirracista. Em entrevista ao site Globo Esporte (GE), ela deu a seguinte declaração:

Esse tipo de preconceito, além de outros, como os homofóbicos, acontece pela falta de educação e empatia. Infelizmente acontece todos os dias, não só no esporte, por situações que eu passei, como ser perseguida, mas em todos os casos. Algumas pessoas veem e não fazem nada. [Combater] O preconceito racial é uma responsabilidade de todos nós, parte do princípio da educação, precisamos educar melhor os nossos filhos. O mesmo respeito que você quer, tem que querer para o próximo também. Essa luta não é só dos negros, ou dos LGBTQs (in FLORENZANO, 2024, p. 168).

Sem dúvidas, Daiane tinha toda razão ao afirmar que a luta antirracista não dizia respeito somente aos negros. Entretanto, para manter seus privilégios socioeconômicos a branquitude brasileira, ou ao menos uma parcela significativa dela, perpetuava o pacto da branquitude. Para a psicóloga e ativista Cida Bento, esse pacto corresponde a manter a ordem sociorracial instituída na sociedade brasileira, ou seja, assegurar ao grupo hegemônico os privilégios sociais e, para isso, negar, relativizar ou simplesmente lançar um manto de silêncio sobre as desigualdades raciais presentes no país (2022, p. 18). Quem segue nessa mesma linha de pensamento é a filósofa Djamila Ribeiro. De acordo com ela, o racismo é uma problemática branca, ou seja, foram os brancos que criaram esse problema e, portanto, devem ser responsabilidades por ele e devem reconhecer que seus privilégios são originados da discriminação racial. Em outros termos, ainda segundo Ribeiro, isso não significa dizer que os brancos devem se sentir culpados por serem brancos: "a questão é se responsabilizar. Diferente da culpa, que leva à inércia, a responsabilidade leva à ação (2019, p. 35-36).

Dessa maneira, atendendo ao chamado da comunidade negra, alguns atletas brancos se responsabilizaram e aderiram à luta antirracista. Entretanto, quem realmente se envolveu de corpo e alma na causa foi o então meio-campista do Flamengo, Everton Augusto de Barros Ribeiro, conhecido popularmente como Everton Ribeiro. Assim como Daiane dos Santos, ele transformou as suas redes sociais em um palco para manifestações de combate à discriminação racial. Em entrevista ao site GloboEsporte.com, ele destacou a importância dos atletas se posicionarem diante desse tema:

Temos voz para isso. Temos uma população que nos vê como exemplo. Temos a mídia para ser utilizada em grandes causas. Primeiro, temos que nos preparar e conhecer a causa que vamos abordar. É preciso se posicionar



# Artigo

sabendo o que está falando e não só por estar em evidência. É aprender para ter argumentos (in FLORENZANO, 2024, p. 192).

De fato, o engajamento de Everton Ribeiro era de se saltar aos olhos. Apresentado pelo então companheiro de time, Diego Ribas da Cunha, ao projeto do Grupo Cultural AfroReggae, que atua nas favelas do Rio de Janeiro, ele cedeu espaço nas suas mídias digitais para que o coordenador do projeto, William Reis, promovesse debates com personalidades negras para discutir ações de combate ao racismo. Para Reis, o gesto do jogador foi de extrema importância para que a luta em prol da causa negra se intensificasse:

Historicamente, as pessoas do esporte que se posicionaram a favor de uma luta que tivesse desigualdade sofreram represálias, e de forma alguma ele recuou. Ele tinha muito mais a perder do que ganhar. Mas o mundo é outro. Mesmo ele sendo uma pessoa branca, é importante, porque está dando a influência dele para que as pessoas negras tenham visibilidade e falem do racismo (in FLORENZANO, 2024, p. 192).

Sem dúvidas, o gesto do então atleta do Flamengo poderia ser retratado no argumento a seguir da psicanalista Maria Beatriz Costa Carvalho Vannuchi:

Somos todos, brasileiros, tanto brancos como negros ou de qualquer outra coloração, afetados [sem dúvidas, em proporções desiguais] pelos crimes do passado e os atuais [...] (in KON, SILVA e ABUD, 2017, p. 67).

Em outras palavras, Ribeiro era um atleta comprometido com uma ideia democrática de Nação. Não no sentido de um patriotismo deturpado bolsonarista que pregava o ódio contra imigrantes e minorias sociais, mas sim no sentido de que como branco, membro de uma camada social elevada e, sobretudo, como jogador e representante de um time tão popular como o Flamengo (até então de maior torcida do Brasil) ele sabia da importância de se colocar a respeito de questões sociais, em especial sobre a luta antirracista:

A gente tem que entender que temos privilégio. Entender que, entrar em um estabelecimento e não ser olhado com desconfiança é um privilégio. A partir daí, a gente pode direcionar o conhecimento para tentar ajudar. Usar a força da mídia que o futebol me dá, para usar a favor da luta contra o racismo (in FLORENZANO, 2024, p. 193).

# ..... Artigo .....

Uma luta urgente, conforme nos mostra a pesquisa realizada pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020, o Brasil atingiu o índice de maior número de pessoas mortas pelas mãos da polícia. Ao todo, das mortes ocasionadas por agentes de segurança pública, 78% eram vítimas negras. Assim sendo, diante dessa paisagem aterrorizante, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, em parceria com times, jogadores e personalidades afro-brasileiras, promoveu a campanha #PoderiaSerEu, cujo objetivo era justamente conscientizar a população a respeito do assassinato constante de negros que vinham ocorrendo em solo brasileiro. A seguir o manifesto oficial da campanha #PoderiaSerEu:

A bala perdida que invariavelmente encontra um corpo negro poderia abreviar a minha vida, a vida de algum familiar meu, de algum amigo ou amigo, ou de qualquer pessoa que tem a pele preta. E nós estamos aqui para denunciar o genocídio da população negra. Nós estamos aqui para dizer que não queremos ter nossa vida interrompida. Que não queremos chorar a vida de quem se vai de forma inesperada e abrupta.

Não queremos mais ouvir que quem morreu estava no lugar errado na hora errada, que tinha antecedente, que foi um acidente ou um engano.

Vidas Negras Importam! Então lembre-se: eu poderia não estar aqui se uma dessas balas que não são perdidas tivesse encontrado meu corpo. Nunca esqueça que #PoderiaSerEu (in FLORENZANO, 2024, p. 197).

Dessa maneira, podemos concluir que as redes sociais têm desempenhado um papel ambíguo ao longo dos anos na luta antirracista. Se, por um lado, elas facilitam a rápida disseminação de discursos de ódio de "indivíduos raivosos" que se escondem sob a máscara do anonimato proporcionada pela internet; por outro lado, enquanto os desafios impostos pelo racismo, sobretudo no futebol, ainda persistem, as mesmas plataformas oferecem um palco poderoso para a conscientização e mobilização contra essas injustiças. Iniciativas como as que vimos acima, demonstram como as mídias digitais podem ser utilizadas como importantes aliadas para fomentar o combate à discriminação racial.

## REFERÊNCIAS

ABRANCHES, Sérgio. **Polarização radicalizada e ruptura eleitoral**. In MELO, Carlos; MENDES, Conrado Hüber; LOUZANO, Paula; MORICONI, Gabriela; QUINALHA, Renan; REIS, Daniel Aarão; SALLES, João Moreira; SOLANO, Esther; SPEKTOR, Matias; STARLING, Heloisa M.; SINGER, André; VENTURI, Gustavo. Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil de hoje. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

# Artigo

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Feminismos Plurais, 2019.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

CHAIA, Vera; COELHO, Cláudio; CARVALHO, Rodrigo de. **Política e Mídia: estudo sobre a democracia e os meios de comunicação no Brasil**. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2015.

FILHO, José Moura Gonçalves. **A dominação racista: o passado presente**. In KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

FLORENZANO, Gianluca. **O jogo das ruas: movimento de atletas contra o racismo**. Curitiba: Editora Appris, 2024.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Editora Feminismos Plurais, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **As ambiguidades do racismo à brasileira**. In: KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. **O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

VIEIRA, José Jairo. **As relações étnico-raciais e o futebol do Rio de Janeiro: mitos, discriminação e mobilidade social**. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2017.

SLOTEDIJK, Peter. **No mesmo barco: ensaio sobre a hiperpolítica**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2012.

TAYLOR, Keeanga-Yamahtta. **#Vidas negras importam e libertação negra**. São Paulo: Editora Elefante, 2020.

..... **Artigo** .....

VANNUCHI, Maria Beatriz Costa Carvalho. **A violência nossa de cada dia**. In KON, Noemi Moritz; SILVA, Maria Lúcia da; ABUD, Cristiane Curi. O racismo e o negro no Brasil: questões para a psicanálise. São Paulo: Editora Perspectiva, 2017.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

**Recebido em:** 2024-04-30

**Aprovado em:** 2024-11-14